

## A Fenomenologia Antropológica de Binswanger

### Binswanger's Anthropological Phenomenology

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo  
Adjunta do Curso de Psicologia da UERJ<sup>1</sup>

#### RESUMO

Neste estudo procedemos a uma revisão narrativa da literatura, de modo a mostrar as diferentes etapas da psiquiatria tal como desenvolvida por Ludwig Binswanger, ao mesmo tempo realizamos uma análise crítica dessas etapas. Discorremos sobre os motivos do afastamento desse estudioso das bases biológicas que sustentavam a psiquiatria da época, em direção a uma perspectiva psicanalítica. Nessa etapa, Binswanger defende as bases psíquicas das enfermidades mentais, das quais em breve tempo também se afasta por avaliar que na psicanálise, também, havia uma redução ao psíquico. Esse estudioso passa, imediatamente, para os estudos das bases fenomenológicas com seu mestre Edmund Husserl, acreditando que nessa perspectiva ficaria livre de qualquer redução. Em um breve intervalo de tempo, esse estudioso da psiquiatria passou a estudar a analítica do *Dasein* com Martin Heidegger, assumindo a *Daseinsanalyse* nas bases de seus estudos. No entanto, com a crítica de Heidegger à *daseinsanálise* de Binswanger, este acabou por denominar o seu projeto de psiquiatria como fenomenologia antropológica, interessando-se pelas vivências do espaço e do tempo daqueles que apresentavam enfermidades psíquicas.

#### PALAVRAS-CHAVE

Fenomenologia; Daseinsanálise; Ludwig Binswanger

#### ABSTRACT

In this study we have a narrative review of the literature of way showed the different stages of psychiatry such as develop by Ludwig Binswanger while we conduct a critical analysis of these stages of psychiatry. We wrote about the reasons Binswanger's movement from the biological bases that support psychiatry epoch towards a psychoanalytical perspective. In this stage Binswanger defends the psychic bases of mental disorders, of which in brief time deviate by

---

<sup>1</sup> Email: [ana.maria.feijoo@gmail.com](mailto:ana.maria.feijoo@gmail.com)

review that psychoanalysis there was psychic reduction. This scholar doing that he starts his phenomenological studies with his master Edmund Husserl, believing that perspective would be free of any reduction. In a short period of time, this psychiatry scholar start to study analytics of *Dasein* with Martin Heidegger, taking as *Daseinsanalysis* has his ground studies. Given that Heidegger criticized his *Daseinsanalysis*. Binswanger changed the name of his psychiatry project to phenomenological anthropology, by becoming interested in the time and spaces experiences of those who had illness mental.

### KEYWORDS

Phenomenology; Daseinsanalysis; Ludwig Binswanger

### INTRODUÇÃO

Estudar os diferentes momentos das investigações de Binswanger em psicopatologia pode contribuir para uma postura crítica ao modo como a psicopatologia vem reduzindo atualmente - por meio de seus manuais descritivos das doenças mentais, tais como o CID 10 e o DCM V - cada vez mais, essas expressões humanas ao biológico. Isso porque esse psiquiatra traçou um caminho totalmente contrário ao que hoje se estabelece. Binswanger, em seus estudos sobre as enfermidades psíquicas, inicia com uma forte influência da explicação biologizante. Na tentativa de sair do modelo médico, ele busca na psicanálise outra possibilidade de compreensão do psiquismo e, por fim, recorre à fenomenologia e à hermenêutica.

Para fazermos este estudo, primeiramente procedemos a uma revisão da literatura sobre o percurso de Ludwig Binswanger (1881-1966) nos seus estudos em psiquiatria. Como fonte primária de nossas consultas bibliográficas tomamos sua publicação

*Artículos y conferencias escogidas* (1977/1946), na tradução espanhola de Mariano Marín Casero, de 1977. Originalmente, a obra foi publicada em alemão, com o título *Ausgetragene Aufsätze*, em 1946. Como o próprio título da obra indica, a publicação consta de uma série de conferências e artigos, selecionados pelo próprio autor, em que ele mesmo faz uma análise crítica de sua passagem pelos diferentes estudiosos que influenciaram cada uma das etapas de seu pensamento em psiquiatria. Além desse texto, tomamos outros escritos de Binswanger, tais como *Introduction a l'analyse existentielle* (1957/1971), *Três formas de existência malograda* (1956/1977) e a terceira parte de *Existencia: nueva dimensión em Psiquiatria y Psicología* (MAY, ANGEL, ELLENBERGER, 1958/1977).

Em consulta às bases de dados e bibliotecas virtuais, tais como Google Scholar, Lilacs, Scielo, Mendelej, utilizando os seguintes descritores: Ludwig Binswanger, psicanálise, daseinsanálise, antropologia, fenomenologia, localizamos os artigos

publicados sobre o tema, no período de 1990 a 2015, que discutiam, ainda que de forma indireta, a mesma problemática com relação às etapas da psiquiatria de Binswanger. São artigos de Giovanetti (1990), Loparic (2002), Dastur (2005), Basso (2011) e Töpfer (2013). Dos livros que tratam dos temas em questão, também foram consultados: Foucault (1954a, 1954b), Tatossian e Moreira (2012), Stein (2012) e Rodrigues (2015).

Binswanger formou-se em medicina em 1907, pela Universidade de Zurique. No início de sua vida profissional, ele voltou seus estudos para a psiquiatria, sob a orientação de Eugen Bleuler. Desde muito jovem, ele se interessou pela filosofia, e logo em suas primeiras publicações aparece a sua insatisfação com as bases neurológicas e biológicas com que a psiquiatria de então se articulava. O psiquiatra chamava a atenção para a problemática da pesquisa em psiquiatria, bem como de seu status científico, concluindo, desde muito cedo, que essa área de estudo se encontrava em uma situação crítica, na medida em que era totalmente dependente de processos biológicos. A psiquiatria estabeleceu-se com base naturalista, na qual as doenças mentais seriam doenças do cérebro. Ou, ainda, a ciência psiquiátrica apoiava-se em uma explicação psicobiológica, dirigindo-se às doenças sindrômicas, cabendo-lhe a identificação de sintomas. Em uma terceira via de interpretação, as doenças psiquiátricas eram tomadas como psíquicas - logo, oriundas da elaboração da

personalidade no decorrer da história de vida, sob o enfoque psicanalítico.

Binswanger defendia a tese de que toda a fundamentação da psicopatologia - fosse pela perspectiva biológica, ou pela perspectiva dos sintomas, ou, ainda, na perspectiva da formação da personalidade - era insuficiente para demarcar o espaço de pesquisa e da clínica em psiquiatria. (GIOVANETTI, 1990). Ele insistia na necessidade de ir ao encontro das bases que sustentariam a autonomia da psiquiatria, sem deixar de dar aos estudos da psiquiatria um estatuto científico e acreditava que essas bases poderiam ser encontradas nos estudos filosóficos. As questões que os seus projetos em psiquiatria suscitam são: afinal, conseguiu Binswanger desvencilhar-se da tendência biologizante? Uma vez que o projeto daseinsanalítico foi desqualificado por Heidegger, Binswanger perderia crédito em suas teses?

Na tentativa de buscar a unidade e a autonomia em seu projeto de psiquiatria, Binswanger recorreu primeiramente às bases psicanalíticas e, em seguida, às filosóficas. Giovanetti (1990) organiza o caminho de Binswanger em quatro direções: os estudos sobre psicanálise; os escritos que explicitam a fenomenologia; os trabalhos clínicos que caminham na direção de uma antropologia; e os estudos sobre a vida de artistas. Neste estudo pretendemos, em uma revisão narrativa da literatura, localizar e proceder a uma análise sobre o percurso do psiquiatra Ludwig Binswanger na elaboração de uma

modalidade específica de psiquiatria. Para procedermos à investigação desse tema tomaremos como fonte primária a publicação *Artigos e conferências*, reunidos pelo próprio autor em dois volumes. Binswanger (1946/1977) organizou esse livro selecionando textos de artigos e conferências que contemplam todas as etapas de sua psiquiatria: psicanalítica, fenomenológica, daseinsanalítica e o retorno à fenomenologia.

O primeiro momento diz respeito à sua ênfase psicanalítica, que aparece nos textos datados de 1926. Neles podemos acompanhar a ligação do psiquiatra com a psicanálise, em uma tentativa de alcançar cientificidade nas formulações da psiquiatria, bem como acompanhar as considerações que apontam para seu afastamento dos pressupostos psicanalíticos. São eles: *Experiência, compreensão e interpretação na Psicanálise; Meu caminho até Freud; e Função vital e história vital interior*. É notável o modo como Binswanger faz considerações respeitadas acerca da psicanálise e de seu criador. Isso se faz notar pelo fato de que, mesmo tendo se afastado das premissas da psicanálise, ele tenha mantido a amizade, o companheirismo e a parceria com seu mestre Sigmund Freud até o momento da morte deste.

No segundo momento, também presente em *Artigos e conferências*, Binswanger brinda o leitor com uma síntese do projeto fenomenológico de Husserl em comparação com o método científico natural, sob o título *Sobre fenomenologia*, publicado originalmente

em 1922. Com esse estudo, o psiquiatra deixa demarcado o caminho que pode ser tomado pela psiquiatria sem o risco de recair em uma ciência sem rigor. Esse diálogo com a fenomenologia estará presente até a sua última publicação, intitulada *Delire* e datada de 1965.

Cabe lembrar que a fenomenologia não estará presente apenas na psiquiatria elaborada por Binswanger, mas, também, em outros psiquiatras que em seus estudos lançam mão da fenomenologia para a compreensão dos fenômenos psicopatológicos. Dentre outros, podemos citar: Ellenberger (1958/1977), Gebattel (1969), Minkowski (1930/1968). Esses estudiosos se interessaram em pensar as diversas vivências psíquicas não mais tendo como base o caráter biológico e nem o psíquico das enfermidades mentais. Eles foram buscar na intencionalidade, tal como proposta por Husserl em suas *Investigações Lógicas* (1901/2006) – ou seja, como fluxo temporal e espacial –, o modo como a vivência do espaço e do tempo sofria alterações naqueles que de algum modo apresentavam-se transtornados.

Minkowski (1930/1968) atém-se à estrutura da depressão pela vivência do tempo e apresenta, com riqueza de detalhes, as expressões verbais e corporais de uma paciente em depressão profunda. Ellenberger (1958/1977) – no capítulo III do livro *Existência: nova dimensão em psiquiatria e em psicologia* – escreve

um texto intitulado *Introdução clínica à fenomenologia psiquiátrica e à análise existencial*, onde apresenta uma classificação da psicopatologia fenomenológica para esclarecer de que modo a fenomenologia de Husserl foi apropriada por diferentes estudiosos do tema. Gebattel (1969) apoia-se na fenomenologia ao referir-se à atitude anancástica falida como uma vivência de coerção, que só pode se dar dessa forma quando sustentada pela possibilidade da liberdade.

No terceiro momento, prenúncio de sua fase daseinsanalítica, encontramos *Sonho e existência*, que compõe um dos capítulos de *Artigos e conferências*. (BINSWANGER, 1946/1977). Nessa publicação, o psiquiatra defende que o sonho deve ser entendido por meio de determinações históricas de constituição de sentido, que ocorrem no decorrer da própria existência - e não por meio de uma estrutura psíquica tomada como universal. Em *Sonho e existência*, a influência da ontologia hermenêutica de Heidegger se apresenta muito claramente, em detrimento da fenomenologia eidética de Husserl. Em *Mudanças na concepção e interpretação dos sonhos*, Binswanger (1946/1977) parece dar destaque ao elemento hermenêutico, que ganha um grande acento, já apresentado no próprio título: *Desde os gregos até o presente*. No entanto, a relação entre Heidegger e Binswanger não tem o mesmo destino que teve a amizade deste com Freud. Heidegger (2001), junto a outros psiquiatras, não se cansou de proferir críticas, explícita e

implicitamente, aos trabalhos de Binswanger.

Por fim, no último momento de sua obra, com o tema *O problema do espaço na psicopatologia*, Binswanger (1946/1977) retoma a antropologia fenomenológica, analisando os problemas psicopatológicos à luz da categoria fenomenológica do espaço. Binswanger, ao tratar o espaço, sai de uma compreensão do espaço tal como tomado naturalmente e passa a pensá-lo como espaço orientado, que diz respeito ao mundo circundante. Com as tematizações sobre o espaço, Binswanger destaca a importância da análise do modo como ele se constitui nas diferentes psicopatologias. (RODRIGUES, 2015). O tema do espaço e do modo como Binswanger vai interpretar os sonhos será enfaticamente apreciado por Foucault (1954a), ao afirmar que o modo como Binswanger vai conceber a manifestação das significações nos sonhos abarca uma antropologia da imaginação, marcando então uma nova definição das relações do sentido e de símbolo, de imagem e expressão. Para Binswanger, no modo de ser do sonho a existência se anuncia significativamente.

Com base na organização estabelecida em *Artigos e conferências*, este estudo tem como objetivo descrever o percurso dos estudos psiquiátricos de Ludwig Binswanger a partir de quatro grandes momentos de sua obra: psicanalítico, fenomenológico, daseinsanalítico e o retorno à fenomenologia.

Acompanhando as

transformações dos pressupostos elaborados pelo psiquiatra desde a psicanálise, a fenomenologia e a hermenêutica por meio da noção de psiquismo interiorizado, passando pela noção de intencionalidade, até alcançar as considerações hermenêuticas, a fim de conquistar a autonomia da psiquiatria, podemos elencar elementos para nos posicionar frente à forte tendência biologizante da psiquiatria na atualidade.

## 1. BASES PSICANÁLÍTICAS PARA A PSIQUIATRIA

Em *Artigos e conferências* podemos encontrar o manuscrito *Freud e a constituição da psiquiatria clínica*, publicado pela primeira vez em 1936 para homenagear o octogésimo aniversário de Freud. Nessa oportunidade, o psiquiatra dá relevo à importância dos ensinamentos de Freud na história da psiquiatria. Com Freud, diz Binswanger (1946/1977), a psiquiatria conquistou profundidade e ampliação essenciais.

Entre 1926 e 1930 encontramos textos, em *Artigos e conferências escolhidas*, que versam sobre a ligação de Binswanger com a psicanálise. Essa referência à psicanálise ocorreu quando Binswanger buscou outras bases para a psiquiatria que se diferenciavam das biológicas. Acreditou o psiquiatra que encontraria na psicanálise os elementos necessários para a constituição de uma psiquiatria científica. Ele fez seu doutoramento

sob a orientação de Carl Gustav Jung e, por intermédio deste, em 1907 chegou a Sigmund Freud, a quem submeteu seus primeiros trabalhos. Um desses trabalhos, datado de 1909, versava sobre histeria. Outro manuscrito, datado de 1911, tratava de suas análises sobre fobias histéricas.

A influência da psicanálise na psiquiatria de Binswanger (1946/1977) fica claramente evidenciada na parte II de *Artigos e conferências*, na seção Psicanálise e psiquiatria. Em 1920, pela primeira vez Binswanger (1946/1977) apresenta uma conferência sobre o diálogo da psiquiatria com a psicanálise, com o intuito de sustentar a prática psiquiátrica em bases rigorosas: “Tem-se que decidir se se quer seguir sendo somente uma ciência aplicada, um conglomerado que encontra sua coerência por sua tarefa prática de psicopatologia, neurologia e biologia, ou se se quer chegar a ser uma ciência psiquiátrica” (p.196). Interessavam a esse estudioso os princípios metodológicos da psicanálise, ou seja, a sua sistemática e coerência, como também a teoria da libido, a análise interpretativa e a teoria do inconsciente. Com essas bases, o psiquiatra acreditava poder construir um sistema em psiquiatria. Binswanger rejeita a perspectiva empírica na psiquiatria, optando pela reflexão metodológica e a investigação teórica. Binswanger (1946/1977) buscou em Freud os fundamentos psíquicos para as enfermidades mentais, e na Conferência de 1920 ele afirma isso categoricamente.

*Função vital e história de vida interior* foi uma conferência de 1927, que ocorreu no Instituto de Psicologia da Universidade de Berlim, em que tratou da oposição entre as investigações científico-naturais e as psicanalíticas. Nessa apresentação, Binswanger defende a importância do levantamento da história de vida do paciente (1946/1977). A publicação *Função vital e história de vida interior* aparece em um momento em que as discussões dos estudos da psiquiatria – presentes em Wernick, Bohloeff, Meynert, Jackson, dentre outros ganhavam proeminência, por sustentarem a diferença das enfermidades psicogênicas, do tipo funcional, e as que se davam por um desdobramento de processos psíquicos. As enfermidades psicogênicas funcionais atuam por meio de processos involuntários e as psicogênicas psíquicas sofrem a influência da vontade articulada por um conteúdo específico da vivência das pessoas. Nesse segundo caso é que encontramos as histerias e as pseudodemências.

Segundo Binswanger, os ensinamentos de Freud provocaram mudanças radicais e decisivas nas teses de Wernicke, Bonhoeffer, Meynert e Jackson sobre a histeria e as doenças psicogênicas. Defendia Freud que tanto os estados psicogênicos como os estados histéricos consistiriam em reações de uma dada pessoa a acontecimentos externos. Daí surge a grande importância que a história da vida interior vai conquistar no âmbito da psiquiatria clínica.

Ainda sob a influência de Freud, Binswanger apresentou, em 1926, um ensaio intitulado *Experiência, compreensão e interpretação na Psicanálise*, onde afirma que a interpretação psicanalítica se dá em um acompanhar da experiência. Afirma Binswanger (1946/1977) “que a psicanálise fundamentou, de modo efetivo, pela primeira vez, o ‘ estudo próprio da humanidade’ sobre a experiência” (p. 200). Ele acrescenta, ainda, que com a estrutura psíquica tal como elaborada por Freud, a psiquiatria tem muito a conquistar, inclusive podendo, com tal fundamentação, ampliar e aprofundar um horizonte incalculável para a ciência psiquiátrica.

Para esclarecer sobre a compreensão, Binswanger recorre aos ensinamentos de Schleiermacher, Dilthey, Simmel, Rickert sobre a compreensão. O psiquiatra defende que a compreensão é um processo fundamental para aqueles que estudam a vida do homem, que aparece no modo como Freud desenvolve seu processo interpretativo. E assim, Binswanger (1946/1977) conclui que Freud reúne pela primeira vez a experiência, a compreensão e a interpretação.

Em todos esses textos referidos a Freud, Binswanger tentou justificar o seu afastamento da psicanálise. No entanto, neles permaneceram sempre presentes os elementos que se mantiveram no projeto deste psiquiatra. Binswanger afirma que seu projeto de psiquiatria unitária não caberia nem à biologia, nem à

psicologia. E conclui tal tese com o seguinte argumento: “A doença mental é retirada do campo simplesmente natural, ela também é retirada do campo de um assunto mental, para ser compreendida e discutida a partir das possibilidades originais do ser do homem”. (BINSWANGER, 1971/1957, p. 33).

Em 1920, Binswanger encontrava-se imbuído da ideia de que a situação da psiquiatria era crítica e via, na importância que a psicanálise dava à história de vida particular, uma saída para a crise em que a psiquiatria se encontrava. (GIOVANETTI, 1990). Dado seu interesse pela filosofia, Binswanger foi então buscar, na fenomenologia de Husserl e na ontologia de Heidegger, outras bases temáticas e metodológicas para a construção de uma psiquiatria. Na sua clínica em Bellevue, ele promoveu estudos com Edmund Husserl, Martin Heidegger, Martin Buber, Max Scheler, Sigmund Freud, Kurt Lowith, contando, ainda, com a presença de psicoterapeutas, psiquiatras, literários e artistas. (GIOVANETTI, 1990, MOREIRA, PITA, 2013). Nesses encontros, acabou por sofrer a influência das concepções e do método fenomenológico, inaugurado por Husserl, desenvolvendo assim sua antropologia fenomenológica. Binswanger, participante dessa tradição fenomenológica na psiquiatria, persistia em buscar subsídios para fundamentar com rigor uma psiquiatria unitária e autônoma.

## 2. BASES FENOMENOLÓGICAS PARA A PSIQUIATRIA

Foram vários os psiquiatras que, por acreditarem na insuficiência das ciências naturais para a compreensão das enfermidades mentais, buscaram, na fenomenologia de Husserl, elementos para pensar a psiquiatria de modo mais amplo. Esses psiquiatras foram Eugène Minkowski, Von Gebsattel e Arthur Tatossian, dentre outros. Ludwig Binswanger também compôs o grupo dos psiquiatras na perspectiva fenomenológica – no entanto, seu interesse pela filosofia dirigia-se muito mais a buscar subsídios para fundamentar com rigor a psiquiatria, do que propriamente para a prática clínica.

Segundo Giovanetti (1990), a adesão de Binswanger à fenomenologia deu-se em 1922 e se fez presente em todas as suas obras. Binswanger, na resenha *Sobre fenomenologia* – solicitada a ele pela Sociedade Suíça de Psiquiatria e publicada em 1922 – esclareceu sobre a importância da noção de intencionalidade como aquilo que é fundamental na vida consciente.

Em *Sobre a fenomenologia* (BINSWANGER, 1947/1976) aparecem os elementos mais significativos na sua adesão à fenomenologia. Essa resenha é composta por três partes: a primeira versa sobre a ciência da natureza e a fenomenologia; a segunda apresenta o método fenomenológico e a terceira consiste na relação entre a



fenomenologia e a psicopatologia, como mostraremos a seguir.

Na introdução, Binswanger (1946/1977) afirma ainda que, em 1922, Kronfeld - em *Zentralblatt für die gesamte Neurologie und Psychiatrie* - faz uma compilação das ideias fundamentais em psiquiatria que sustentam uma discussão da psicopatologia em termos fenomenológicos, porém com pretensões a um conhecimento universal. Binswanger refere-se à fenomenologia como um conhecimento provisório e não de uma ordem conclusiva. Ele diz que a psiquiatria tem muito a ganhar em seu diálogo com a fenomenologia, uma vez que apresenta, de forma clara e plena, a descrição de uma ciência eidética, que muito tem a contribuir com a Psicologia e com a Psiquiatria como ciências empíricas.

Na parte referente à apresentação daquilo que distingue a ciência da natureza e a fenomenologia, Binswanger (1946/1977) esclarece a dualidade clássica, presente na ciência da natureza, entre corpo e psique, apreensíveis pela percepção sensível, seja como uma unidade da mesma natureza, seja decomposta em suas propriedades ou funções. Ele afirma que, no entanto, existem outros modos de lida com as coisas para além da percepção sensível. Trata-se da lida pela experiência imediata e direta de algo, ou seja, uma apreensão mais originária, presente nos artistas. Cita, dentre esses artistas: Flaubert, com suas obras literárias; Van Gogh, com sua pintura. Binswanger afirma que

ambos veem algo sem, no entanto, perceber sensivelmente. Podemos exemplificar esse *ver* imediato realizado por Machado de Assis, quando ele vê a loucura sem nenhuma referência à fragmentação da vida psíquica ou orgânica, presente nos manuais ou teorias da psicopatologia. Sem necessitar das descrições pormenorizadas dessa área de estudo, Machado de Assis não só apreende, mas nos conduz, com ele, a acompanhar a saga de Quincas Borba e a loucura de Barbilhão; a melancolia que abarcava a existência de Brás Cubas e a sisudez de Dom Casmurro. Com esses exemplos, não pretendemos dizer que a fenomenologia imita a arte, apenas pretendemos esclarecer que há outros modos de lida, de apreensão, de conhecimento das coisas para além da apreensão sensível. Aliás, existe um modo de lida que é o mais originário, e foi por esse caminho de visada das coisas que Husserl nos ensinou. Sobre isso nos esclarece Binswanger (1946/2013):

O termo técnico de Husserl é, em oposição à intuição sensível, a intuição categorial, sobretudo, porém, a visão das essências ou intuição (fenomenológica). Nas *Investigações lógicas*, também fala de "ideação imanente" e de "ideização", levadas a termo "com base na intuição" (p. 94).

Na segunda parte, Husserl refere-se ao método fenomenológico, ou seja, a como podemos alcançar as intuições categoriais. Sabemos que os artistas caminham de algum modo para

alcançar aquilo que se mostra a eles. Acreditamos que esse modo se dá pelo método tal como compreendido pelos gregos originais: *metà-hodós*.

Fogel (1998) esclarece, acerca do método da Filosofia: “O ‘*metá*’ contido em ‘*método*’ (*metà-hodós*) diz ‘de acordo com’ ou ‘junto de’ o caminho” (p.29). Acompanhando os passos da filosofia na conquista de um método, seguiremos tomando o método como um lugar no qual o caminho e o pensamento que investiga co-pertencem ao tema investigado. O *metà-hodós* consistirá no modo pelo qual podemos nos acercar do espaço que denominamos mais originário, ou seja, anterior a qualquer compreensão teórica na qual a existência se dá. Binswanger (1946/1977), então, pergunta como tornar possível apropriar-se de um método da filosofia pela psiquiatria, afirmando que:

Husserl não facilita as coisas para nós aqui, uma vez que por um lado, abre, poder-se-ia com certeza dizer, um fosso insuplantável entre conhecimento de fatos e conhecimento de essências [...], contudo, ele também fala da conexão íntima entre psicologia e fenomenologia (Ideias, p.158) e sempre acentua uma vez mais o procedimento gradual do método fenomenológico desde o fato particular dado na experiência até a pura visão de essências (p. 111).

Binswanger defende, então, que é por meio das reduções fenomenológicas que poderemos

alcançar a esfera da psicologia fenomenológica, para assim chegarmos à essência percepção, essência consciência, essência objeto intencional – passando-se então, da esfera dos fatos para a esfera das essências. Para Binswanger, Husserl pensava a fenomenologia como a ciência normativa do psíquico. E era nessa linha de pensamento que o psiquiatra idealizava a sua psiquiatria. E termina essa exposição da seguinte forma: “(...) o fato de que e em que medida a psiquiatria tem, apesar disto, o maior interesse pela fenomenologia enquanto método científico”. (BINSWANGER, 1946/1977, p.117).

Na parte III, em *Sobre a fenomenologia*, Binswanger (1947/1976) vai pensar a relação entre fenomenologia e psicopatologia, afirmando que a psiquiatria, por ser uma ciência empírica, jamais poderá alcançar a intuição das essências puras. No entanto, a psicopatologia poderá se aproximar de uma ciência pura, na medida em que mais puros forem seus conceitos. O psiquiatra argumenta que por esses motivos poderá falar de uma fenomenologia psicopatológica.

Foi, então, em 1922, após entrar em contato com o conceito de consciência intencional de Husserl, que Binswanger (1946/1977) aderiu decisivamente ao método fenomenológico em suas investigações. Ele acabou rompendo com os pressupostos naturalistas da psicanálise e assumiu definitivamente a perspectiva fenomenológica de método, que, segundo o próprio

Binswanger, o acompanhou durante toda a sua trajetória profissional.

Binswanger inicia por tecer comparações entre o projeto fenomenológico de Husserl e o método científico natural, deixando claro que, pelo caminho da fenomenologia, colocaria a psiquiatria no rol das ciências rigorosas. Assim, ele analisa os problemas psicopatológicos à luz da categoria fenomenológica do espaço. Ele sempre se interessou pela filosofia, até que acabou por considerar que a fenomenologia e a ontologia hermenêutica lhe ofereciam outras bases para suas elaborações teóricas, não só em psiquiatria, como também para sua atividade clínica, como podemos constatar na apresentação de acompanhamentos psicoterápicos, tais como o clássico Ellen West (BINSWANGER, 1958/1977) e o caso Ilse (1977 d).

### 3. BASE DASEINANALÍTICA PARA A PSIQUIATRIA

Em *Artigos e conferências escolhidas* (1946/1977), *Sonho e existência* tornou-se um clássico, constantemente referido em diferentes publicações de livros e artigos. Foucault (1954) ateu-se à análise, discussão e crítica do conteúdo presente na publicação do psiquiatra; Loparic (2002), em seu artigo *Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo?*, faz uma breve análise do texto com o subtítulo *O sonho e a existência*. Huygens (2011) refere-se a esse escrito como algo que está muito além de uma simples passagem, trata-se, pois, de um salto

para a constituição de sua daseinsanálise.

No prefácio à tradução francesa do livro de Binswanger, *Sonho e Existência*, editado em 1954, Foucault (1954) detém-se em mostrar a diferença entre Binswanger e Freud nas suas teorias sobre o sonho. Afirma que cabe acentuar que as diferenças entre os dois estudiosos estão nas concepções de imagem e imaginário, símbolo e significado. Essas diferenças se fazem presentes no modo como Freud e Binswanger, respectivamente, conduzem em suas clínicas o relato dos sonhos por seus pacientes. O primeiro trabalha com a dimensão do psíquico como o espaço mais originário das expressões psíquicas; com o caráter simbólico da vida psíquica que se apresenta no sonho na forma de imagem. O segundo trabalha com a dimensão antropológica dos sonhos e, para discutir seus conteúdos, segue as orientações presentes em Husserl (1900/2006), na primeira investigação lógica: índice e significação, bem como analisa os sonhos em seu caráter do imaginário.

Loparic (2002) comenta que *Sonho e existência* apresenta uma estrutura ontológica que é básica para a compreensão da daseinsanálise: o movimento de ascensão e queda. Diz Loparic (2002): “Trata-se de uma única onda vital de forma senoidal, com fases ascendentes ou vitoriosas e descendentes ou malogradas, que acontece sem qualquer manifestação do indivíduo no qual se manifesta” (p.2).

A construção de uma

daseinsanálise psiquiátrica foi tomada por Binswanger como seu projeto de ciência ôntica dos distúrbios psíquicos. Isso teve início quando, em contato com *Ser e tempo* (HEIDEGGER, 1927/2003), Binswanger afirma ter encontrado a base ontológica de sua antropologia fenomenológica em seu modelo de análise na psiquiatria. Essa virada de Binswanger – da psicanálise à daseinsanálise – é comentada por Huygens (2011) como se constituindo em uma significativa virada para a elaboração de sua daseinsanálise.

A estrutura da daseinsanálise desenvolvida por Binswanger teve como referência aquilo que denominamos como o primeiro Heidegger, mais especificamente a sua obra *Ser e tempo*, de 1927. Binswanger, ao articular a filosofia de Heidegger à clínica psiquiátrica, conquista a noção de projeto, aspecto endógeno (terceiro campo etiológico, que nem é somático, nem psíquico) que vai se constituir como critério para lidar com a saúde mental e para pensar as enfermidades psíquicas. Assim, ele encontra um espaço para pensar as suas teses fora dos critérios das ciências naturais, da biologia ou da psicologia. Binswanger ateu-se à concepção de projeto, ou melhor, à relação entre o *ser-aí* (*Dasein*) e o *poder ser*. Assim, Binswanger tomara de Heidegger as seguintes considerações: 1- Suspensão de qualquer teoria que pressuponha uma determinação psíquica ou biológica acerca do comportamento do homem. Logo, o ser do homem se caracteriza pela ausência de qualquer

determinação, ou seja, o ser do homem é marcado por uma negatividade; 2- A noção de projeto que diz respeito ao campo de sentidos que sustentam recortes significativos diversos, que tornam possíveis as nossas ações. O projeto, que se constitui por sentidos e torna possível a apropriação de significado, precisa aparecer e para que ele se dê, é preciso que ele se operacionalize. É o mundo que fornece sentidos com os quais cada um se comporta.

Heidegger e Binswanger entram em discordância no que diz respeito à compreensão analítico-existencial do sofrimento psíquico ou das crises existenciais. Para Heidegger (1927/2003), é necessária a suspensão das prescrições do mundo para que o *Dasein* possa se singularizar, apropriar-se de suas possibilidades mais próprias, que no final das contas é o confrontar-se com o caráter de negatividade da sua existência. Para Binswanger, apoiando-se em sua experiência clínica, ocorre justamente o contrário. (NOVAES, FEIJOO, PROTASIO, 2015).

Para Heidegger, é no interior do projeto impróprio que o *Dasein*, no início e na maioria das vezes se movimenta, ou melhor: se faz o que na maioria das vezes se faz, porque se (o impessoal) diz o que faz sentido fazer. O que caracteriza o impróprio é a operacionalização de sentidos sedimentados. O próprio é a experiência de sentido que se constitui a partir da indeterminação do *Dasein*. É na experiência, que emerge em meio a

situações limites, que o *Dasein* se vê confrontado com sua estranheza constitutiva e o *Dasein* se abre a outras possibilidades, a outros sentidos, abrindo espaço para o singular. Em conclusão, para Heidegger (2003) o próprio é uma modulação do impróprio, já que mesmo aquilo que se toma como singular ainda depende da familiaridade com o mundo.

A clínica psiquiátrica dar-se-ia na tentativa de recomposição dos sentidos sedimentados, da familiaridade perdida. Para Binswanger, a loucura é a perda da familiaridade, dos sentidos sedimentados, ou seja, para ele é nisso que o impróprio se apresenta. É a loucura que inviabiliza a articulação de sentidos possíveis: projeto – uma vez que reduz, encurtando os projetos existenciais.

Em Binswanger, o critério fundamental para o exercício da clínica psicológica seria a reconquista, a rearticulação do projeto singular, o projeto originário de cada *Dasein*, isto é, a saída do encurtamento das possibilidades presentes no poder ser mais originário. Projeto esse que não pode ser reconquistado com a medida dada pelo outro, mas no reencontrar-se com a medida dada pela própria existência e que vem se encurtando por meio daquilo que é o próprio transtorno. A *daseinsanálise* de Binswanger diz que é a amplitude do projeto originário, que cada um sustenta em sua existência, que fornece a medida de cada existência em sua dinâmica de realização. Para esse psiquiatra, na clínica temos que acompanhar os acenos do projeto mais

originário, que mesmo encurtado, jamais deixa de se apresentar como projeto. (NOVAES, FEIJOO, PROTASIO, 2015).

Acontece que em Heidegger (2003), para que o *Dasein* se abra para o seu caráter de *poder ser*, é decisiva a tonalidade afetiva fundamental da angústia, situação limite em que o *Dasein* pode se confrontar com o seu *poder ser*. Binswanger (1957/1971) discorda dessa tese e afirma que aquele que se apresenta transtornado já se encontra na situação limite em que a negatividade já se anuncia. O transtorno é o anúncio da negatividade – logo, o transtornado tomado pela angústia tem que retomar a familiaridade com o mundo, de forma a reencontrar a positividade perdida.

De acordo com Loparic (2002), em 1942 – com a publicação de *Formas fundamentais e conhecimento da existência humana* – aparece uma discussão que foi o motivo da ruptura definitiva de Heidegger com Binswanger. Nesse livro, Binswanger aponta para a insuficiência do existencial *Sorge* (cuidado) no que diz respeito à clínica e o substitui pelo existencial amor. Por isso Binswanger vai incluir, no existencial cuidado, a relação do amor, que antes de devolver o outro à sua negatividade originária em uma relação afetiva amorosa, vai propiciar a recomposição da familiaridade.

Frente às críticas dirigidas por Heidegger a Binswanger, este se posiciona, qualificando o modo como se apropriou dos temas heideggerianos, de equívoco produtivo. Ou seja, Binswanger

reconhece seu equívoco; no entanto, não deixa de pôr em relevo as suas contribuições para os estudos em psiquiatria. Não há dúvida de que a inspiração encontrada pelo psiquiatra suíço nas ideias do filósofo da *daseins* análise proporcionou grandes e inéditos estudos em psiquiatria. Podemos constatar, também, nas três últimas publicações de Binswanger: *Três formas de existência malograda* (1956/1977), *Melancolia e mania* (1960/1987) e *Delírio* (1965/2010), tanto a presença de Heidegger quanto a de Husserl em suas formulações, como veremos a seguir.

Binswanger, no entanto, por não concordar com a perspectiva do *Sorge* defendida por Heidegger, já que concluía que a ontologia heideggeriana era insuficiente para sustentar as teses da psicopatologia, toma a fenomenologia transcendental de Husserl e vai à busca da gênese das doenças mentais. Trata-se do momento em que Binswanger retorna a Husserl.

#### 4. O RETORNO À FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

Binswanger, ao retornar a Husserl, distancia-se dos projetos anteriores, ou seja, não pretendia mais fazer uma antropologia ou fenomenologia descritiva. Ele centrava-se, nesse momento, em uma fenomenologia na qual importava a gênese da subjetividade. O psiquiatra

investigava a constituição dos mundos da melancolia, da mania e da esquizofrenia.

Em *Três formas de existência malograda*, publicada em 1956, Binswanger (1956/1977) ainda estava totalmente voltado para uma compreensão existencial das formas da existência esquizofrênica, bem como para os modos de transformações possíveis. O ponto de partida para esse estudo era a descrição clínico-psiquiátrica: ficaria para a atuação e conhecimentos psiquiátricos a busca de sintomas com fins de diagnóstico, e na atuação psicoterapêutica ficaria a exibição e a transformação de formas existenciais possíveis no curso da existência. Assim, a análise das situações em que aparecem quadros de psicopatia esquizoide e esquizofrenia não ficaria reduzida ao método naturalista ou à explicação psicobiológica. Esses modos existenciais poderiam ser compreendidos, numa maior amplitude, como estrutura existencial do ser-no-mundo. Com essas considerações, vemos que Binswanger ainda mantinha as bases ontológicas de Heidegger em suas investigações sobre a esquizofrenia.

Uma das duas últimas publicações data de 1960, *Melancolia e mania*, na qual Binswanger (1960/1987) retoma o último Husserl, com a ideia de gênese temporal da estrutura fundamental da consciência intencional em seu fluxo temporal. Assim, o psiquiatra desloca-se da ideia das objetividades temporais – presente,

passado e futuro - que na consciência intencional ganha uma dimensão mais original de atos intencionais: apresentação, retenção e propensão, dos quais se desdobra a objetividade temporal de passado, presente e futuro. As alterações intencionais da retenção e da propensão modificam toda a continuidade da consciência do paciente, bem como a objetividade de sua estrutura temporal. É com essas dimensões que Binswanger procederá para alcançar as alterações do tempo vivido nas diferentes enfermidades mentais. Na melancolia, a retenção comporta a culpa, obstruindo a propensão, o projeto. Ele argumenta que no transtorno maníaco depressivo (atualmente com a denominação de Transtorno bipolar do humor) ocorre uma alteração do tempo vivido.

Em *Melancolia e mania* (BINSWANGER, 1987), não só encontramos a influência do pensamento de Husserl sobre a estrutura temporal, bem como encontramos considerações sobre ser-no-mundo, de Heidegger. Tatossian e Moreira (2012) afirmam que a gênese fenomenológica da melancolia apenas foi abordada por Binswanger em 1960, considerando, na análise de suas situações clínicas, a modificação melancólica do tempo vivido, em uma presunção transcendental. Para Binswanger, tanto a mania quanto a melancolia são transtornos do tempo. Na mania ocorre um relaxamento da trama temporal, em que os momentos da retenção e da propensão quase desaparecem, dando lugar à expansão do presente. Na melancolia, a retenção

se infiltra na propensão, tornando a vivência depressiva uma eterna lamentação. O equilíbrio dessas três dimensões caracteriza o ser sadio.

Em 1965, Binswanger publica *Delírio* (1965/2010), marcando um rompimento radical com Heidegger e retomando definitivamente à fenomenologia transcendental de Husserl. Nesse texto, ele compreende o delírio nas bases da consciência intencional. Binswanger, ao tratar dos delírios, considera a desestrutura temporal fundamental sofrida nessa experiência e, mesmo que aborde em suas análises as biografias, dá mais relevo primeiramente à noção de projeto-de-mundo e mais tarde à noção de estrutura em curso do *Dasein*. Em Anne, ocorre a perda de evidência natural, a ausência dos axiomas da cotidianidade, que modificam a temporalização na constituição do Eu e do Outro. E sem mundo, aquele que é acometido por uma estranheza do mundo, visto que perdeu a familiaridade com ele, cria seu mundo próprio: o delírio. Como o projeto do esquizofrênico fracassa em suas pretensões, esse *Dasein* tende ao suicídio, ao autismo ou ao delírio.

## CONCLUSÕES

Ao acompanhar o percurso de Binswanger na constituição de sua psiquiatria, tanto com relação ao desenvolvimento teórico como em sua prática clínica, podemos verificar que apesar de suas diferentes inspirações filosóficas, a gênese de cada uma das perspectivas adotadas em um

momento anterior de sua empreitada sempre esteve presente nas formulações posteriores. Binswanger nunca se absteve de realizar categorizações diagnósticas com base no quadro sintomatológico de seu paciente. Também nunca deixou de se referir a Freud. E, ainda, a daseinsanálise jamais desapareceu em sua fenomenologia antropológica. Parece que a totalidade da obra desse psiquiatra caracterizou-se por sua intuição clínica somada aos seus conhecimentos de filosofia, fenomenologia e psicanálise, tornando-se, como ele mesmo denominou em resposta à crítica de Heidegger, um equívoco produtivo. (LOPARIC, 2002).

Binswanger, rumo à conquista da autonomia da psiquiatria, buscou referências em outros estudos para além das bases naturais próprias das pesquisas em sua época. Introduziu-se amplamente nas discussões filosóficas, inclusive junto a estudiosos renomados. Aproximou-se da psicologia existencial e dos psicólogos que se atinham à relação da filosofia com a psicologia. Ao receber críticas que apontavam para a impossibilidade da constituição de uma psiquiatria com bases filosóficas, trouxe à discussão a possibilidade de tal diálogo.

Binswanger tratou de temas como angústia e desespero tal como discutidos por Kierkegaard (1844/2008). O psiquiatra, ao buscar as bases de sua psiquiatria, encontrou em Husserl (1901/2006) os elementos que ele precisava para sua fenomenologia antropológica. Em Heidegger

(1927/2003), se apropriou de noções presentes em *Ser e tempo*, tais como: projeto, próprio e impróprio e *Sorge*.

Embora Binswanger tenha recebido muitas críticas e descrédito com relação aos seus projetos em psiquiatria, é certo que ele foi fonte de inspiração para muitos psiquiatras, como Gebattel, Ellenberger, Tatossian, Medard Boss. Ele também trouxe elementos importantes para se pensar a daseinsanálise clínica, principalmente com as suas noções de amor e confiança.

Embora esse estudioso tenha sido pouco estudado em todo o mundo, na Alemanha há um centro de referência em estudos e pesquisas em Binswanger. Há também uma grande biblioteca que comporta todo o acervo dos escritos de Binswanger, bem como de seus comentadores do mundo inteiro. No Brasil, a grande referência da daseinsanálise não é Binswanger. É o psiquiatra Medard Boss que ganha notoriedade. Em São Paulo, há um tributo a Boss com a denominação Associação Brasileira de Daseinsanálise.

Podemos constatar, nesta revisão narrativa da literatura por meio de artigos em revistas brasileiras, predominantemente, e nos poucos livros de Binswanger traduzidos para o português e espanhol, que esse estudioso foi um pesquisador e clínico muito pouco conhecido pelos brasileiros. Binswanger, um dos pioneiros na articulação de uma daseinsanálise antropológica, tanto na clínica psiquiátrica quanto na



psicológica, no Brasil ficou quase que em total esquecimento.

Com este estudo pretendemos, também, despertar motivações e interesse pelos estudos sobre esse grande pesquisador da psiquiatria, que não se cansou de elaborar uma resposta efetiva aos problemas das ciências humanas, em especial a psicopatologia tradicional. Estudos *psis* insistem, até hoje, em buscar os seus fundamentos ora em uma base biológica, ora em uma base psíquica. Em síntese, Binswanger esmerou-se incansavelmente em contrapor-se ao reducionismo, objetivismo, naturalismo e psicologismo que vêm dominando a psiquiatria desde o século XIX até os dias atuais, com a tão proeminente neurociência.

## REFERÊNCIAS

- BASSO, E. Ludwig Binswanger: a influência de Kierkegaard sobre o trabalho de Binswanger. Trad. Myriam Moreira Protásio. In: Feijoo & Lessa. *Psicopatologia: fenomenologia, literatura e hermenêutica*. Rio de Janeiro: Editora Iphen, 2016, p. 327-365.
- BINSWANGER, L. *Introduction à l'analyse existentielle*. Trad. J. Verdeaux. Paris: Les Éditions de Minuit, 1971.
- \_\_\_\_\_. El caso Ellen West: Estudio antropológico-clínico. In: May, R, Angel, E. &Ellenberger, H. *Existencia: nueva dimensión en Psiquiatria y Psicología*. Trad. Sánchez Pacheco. Madrid: Gredos, 1977a, p. 288 - 434.
- \_\_\_\_\_. *Articulos y conferencias escogidas*. Trad. M. Casero. Madrid: Gredos, 1977b.
- \_\_\_\_\_. *Três formas da existência malograda*. Trad. G. Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1977c.
- \_\_\_\_\_. La locura como fenómeno biográfico y como enfermedad mental: el caso de Ilse. In: May, R, Angel, E. &Ellenberger, H. (1977). *Existencia: nueva dimensión en Psiquiatria y Psicología*. Sánchez Pacheco, Trad. Madrid: Gredos, 1977d, p. 262- 287.
- \_\_\_\_\_. *Mélancolie et manie: études phénoménologiques*. R. Lewinter, Trad. Paris: PUF, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Délire*. Trad. J-M, Azorinet & Y, Totoyan. Grenoble: Jérôme Millon, 2010.
- \_\_\_\_\_. Introduction. In: L. Binswanger, *Introduction à l'analyse existentielle*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1971, p. 39-47
- \_\_\_\_\_. *Sonho e existência: ensaios e conferências 1: escritos sobre fenomenologia e psicanálise / Ludwig Binswanger*. Trad. M. Casanova. Rio de Janeiro: ViaVerita, 2013.
- DASTUR, F. *Qu'est-ce que la Daseinsanalyse?*. Phainomenon, 2005. n. 11, p. 125 -133.
- ELLENBERGER, H. *Introducción clínica a la fenomenología psiquiátrica y el análisis existencial*. In: MAY, R; ANGEL, E. & ELLENBERGER, H. *Existencia: nueva dimensión en Psiquiatria y Psicología*. Trad. Sánchez Pacheco. Madrid: Gredos, 1977, p. 123-162.
- FOGEL, G. *Da solidão perfeita: escritos de filosofia*. Petrópolis, R.J: Vozes, 1998.
- FOUCAULT, M. Introduction. In: Binswanger. *Le reve et l' existence*. Trad. J. Verdeaux, Paris: Desclée, 1954a, p. 9-128.
- GEBSATEL, V. *Imago hominis*. Trad. Beatriz Romero, Trad. Madrid: Gredos, 1969.
- GIOVANETTI, J. P. *O existir humano na obra de Ludwig Binswanger*. Síntese, Nova Fase, 1990. 50, p. 87 -99.
- HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Trad. Maria de Fátima Prado. Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Ser y tiempo*. Trad. Rivera Cruchaga. Madrid: Gredos, 2003.
- HUYGENS, A. De la psychanalyse à l'analyse du Dasein: au-delà d'une passage, um sault. In. B. Leroy-Viémon. *Ludwig Binswanger: philosophie, anthropologie clinique, daseinsanalyse*, 2011, p. 269-287.
- HUSSERL, E. *Investigações lógicas* (Vols. 1).

Trad. P. Alves & C. Marujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007.

KIERKEGAARD, S. *La enfermedad mortal*. Trad. Demetrio Gutiérrez Rivero, Madrid: Trotta, 2008.

LOPARIC, Z. *Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo?*. *Natureza humana*, 4 (2), 2002, p. 383-413.

MAY, R; ANGEL, E. & ELLENBERGER, H. *Existencia: nueva dimensión en Psiquiatria y Psicología*. Sánchez Pacheco, Trad. Madrid: Gredos, 1977, p. 523.

MINKOWISKI, E. *Le temps vécu*. Paris: Delachaux et Nestlé, 1968.

MOREIRA, V. & PITA, J. A noção de delírio em Ludwig Binswanger e Arthur Tatossian. In: A. Tatossian & V. Moreira (Org.), *Clínica do Lebenswelt: psicoterapia e psicopatologia fenomenológica*, São Paulo: Escuta, 2012, p. 263-276.

NOVAES, J.; FEIJOO, A.M. & PROTÁSIO, M. A psicopatologia em uma perspectiva daseinsanalítica. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. São Paulo, 18 (2), 280-291, jun. 2015.

RODRIGUES, R. *Ludwig Binswanger: um projeto de psicopatologia para além das categorizações metafísicas*. UERJ: 2015 [Dissertação de Mestrado Não-publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro].

STEIN, E. *Analítica existencial e psicanálise: Freud, Binswanger, Lacan, Boss*. RS: Ijuí, 2012.

TATOSSIAN, A. & MOREIRA, V. *Clínica do Lebenswelt: psicoterapia e psicopatologia fenomenológica*. São Paulo: Escuta, 2012.

TOPFER, F. O conceito de doença e normatividade no pensamento de Ludwig Binswanger e Medard Boss. *Revista Psicopatologia Contemporânea*. São Paulo: 2013, 2 (2), 32-35.

Submetido: 11 de novembro de 2016

Aceito: 19 de dezembro de 2016